

POSSIBILIDADES DA GUERRA DE GUERRILHAS

General J. ESPARZA ARTECHE, do Exército Espanhol. (Traduzido da Revista "Ejército", pelo Major Fernando Allah Moreira Barbosa)

Em publicações estrangeiras tem sido salientada, em diversas ocasiões, a eficácia que a guerra irregular, ou de guerrilhas, tem tido em alguns países, como a Rússia e a Iugoslávia.

Inicialmente, quero justificar a escolha do assunto que é objeto destas linhas, e a utilidade de sua meditação. Encontramo-nos em frente a um fato, a guerra irregular, que ressurgiu, não mais entre povos pouco civilizados, mas na própria Europa, e sobre o qual se tem escrito pouco entre nós — pelo menos até onde tenho conhecimento — havendo carência absoluta de trabalhos a esse respeito, no que concerne às possibilidades de se adaptar à nossa Pátria, em caso de crise militar, o que tem sido feito em outros países. Isso foi motivo suficiente para levar-me a pensar no assunto.

É difícil encontrar quem despreze a hipótese inicial de que nosso território nacional possa ser invadido, mas é possível a alguém admitir que, na situação atual do jogo da política internacional, não se pode supor que o inimigo comum do Ocidente chegue a alcançar a fronteira dos Pirineus e ultrapassá-la, na direção do sul. Entretanto, as mudanças na política internacional, enquanto vigorarem os regimes democráticos, serão rápidas e suas conseqüências para a segurança dos povos podem ser trágicas, se não forem adotadas medidas acateladoras.

Recordemos o que tem acontecido na Europa, nestes últimos nove anos, desde o término da Segunda

Guerra Mundial: Os partidos comunistas da Itália e da França continuam ameaçadores e, na Inglaterra, o trabalho mais extremista pretende, acima de tudo, uma aproximação da Rússia e uma posição de antagonismo à América do Norte. Se, depois da guerra, a Europa se encontrou à beira do abismo, sem poder contar com o auxílio dos Estados Unidos, que, voluntariamente, havia desmobilizado seu Exército, ninguém nos pode assegurar que, em futuro não muito distante, as nações européias não procederão da mesma maneira, deixando livre, aos exércitos do Oriente, o acesso ao Mediterrâneo e ao Atlântico.

Haverá, também, quem acredite que, vencido nosso exército, será pouco menos que impossível continuar a guerra irregular na Espanha, uma vez que as circunstâncias atuais são muito diferentes das do passado. Outros não de pensar que, enquanto mantivermos um moral vigoroso, não havemos de realizar menos que outros povos, os quais têm sabido continuar a resistência, mesmo após haverem sido vencidas suas forças organizadas. Aqui, como em tudo o mais, e, sobretudo, em coisas militares, não é prudente formar juízos definitivos e é conveniente limitar-se a estudar o caso que se possa apresentar, analisando os fatores que condicionam as decisões do Comando, para cumprir uma missão determinada: terreno, inimigo e meios, dos quais o primeiro nos é conhecido, mas os outros dois variarão, em cada caso particular, segundo o moral e os elementos postos em jogo por cada um dos adversários.

CONCEITOS ANTIGO E MODERNO DA GUERRA DE GUERRILHAS

O desencadeamento e o desenvolvimento da guerra irregular sofreram uma transformação tão radical, que vale a pena salientá-la.

No passado, pelo que concerne à sua origem, essa espécie de guerra era iniciada pelo guerrilheiro que, por seu prestígio e êxitos, angariava cada vez maior número de companheiros para seu bando. Esses bandos sustentavam-se com seus meios próprios ou com os que obtinham do inimigo, em seus encontros e emboscadas.

No desenvolvimento de suas operações, os bandos agiam, habitualmente, independentes uns dos outros e, evidentemente, sem ligações com as forças regulares. O ódio dos guerrilheiros, que se consideravam, e de fato o eram, os criadores e mantenedores de suas próprias forças, e as maiores facilidades que lhes oferecia o terreno, carente de comunicações, para sua segurança e para as ações de surpresa, lhes proporcionavam meios suficientes para que realizassem, por si próprios, suas operações.

No presente, não tem cabimento essa improvisação e, muito menos, a manutenção dos grupos com os próprios meios. Estes não podem subsistir sem receberem armas e munições; a época atual é diferente da nossa guerra de independência e da primeira de nossas guerras civis, quando os cartuchos eram feitos em casa, com pólvora e papel. Tais bandos têm que ser armados e municionados, seja pelo próprio exército, quando se podem ligar com ele, seja por depósitos clandestinos, que hajam sido organizados, oportuna e previdentemente, ou ainda por meio de desembarques sorrateiros, aéreos ou navais. Quando não contam com a possibilidade de auxílio por um desses meios, o bando pode ser considerado como natimorto, pois seu extermínio é inevitável e rápido.

Daí se depreende que os bandos, quando operam em ligação com as forças regulares, ficam subordinados ao Comando do Exército, mesmo que continuem a gozar de auto-

nomia compatível com o cumprimento das missões gerais que lhes forem atribuídas e com as facilidades que o terreno lhes ofereça para agir, independentemente, durante determinado período.

Podemos resumir a diferença que existe entre as duas épocas, no que se refere à guerra irregular, nos seguintes conceitos:

— No passado, a guerra de guerrilhas se caracterizou pela organização improvisada e a ação independente. No presente, os grupos são organizados de acordo com as prescrições do Comando Supremo, que os sustentam, e ficando subordinados aos comandos dos territórios onde operam e que lhes fornecem diretivas gerais.

CIRCUNSTANCIAS QUE FAVORECEM A POSSIBILIDADE DA GUERRA DE GUERRILHAS

São circunstâncias que favorecem a guerra de guerrilhas:

— A situação geográfica favorável de cada país; sua extensão praticamente ilimitada para essa espécie de luta; as condições favoráveis do terreno e a falta de vias de comunicações.

Compreende-se, facilmente, que a situação geográfica de um país, influyendo, grandemente, na possibilidade do recebimento de recursos do exterior, tem que ser fator importante no desenvolvimento da guerra. Um país fronteiriço amigo, cujas fronteiras não hajam sido atingidas pelo invasor, ou um litoral ainda inacessível ao inimigo, pelo qual se possa desembarcar pessoal ou material destinados a reforçarem a defesa, é condição vantajosa para todas as forças do país invadido, tanto regulares como irregulares.

Entretanto, a condição mais importante é a extensão praticamente ilimitada do país, uma vez que essa condição traz consigo, implícitos, muitos inconvenientes para o invasor, como sejam:

1º) o alongamento de suas linhas de comunicações, que se tornam cada vez mais vulneráveis à ação dos guerrilheiros, à medida que aumen-

ta a profundidade da penetração inimiga;

2º) a extensão das frentes, que lhes diminui a densidade de meios e lhes prejudica a continuidade. Isso permite a infiltração dos guerrilheiros através das linhas inimigas, sobretudo nas regiões onde existam terrenos montanhosos ou cobertos, que impossibilitem uma ocupação eficaz. A infiltração facilita o auxílio aos guerrilheiros, sob a forma de reforços e de elementos de enquadramento, e mesmo as ligações com as forças amigas;

3º) os bandos de guerrilheiros que se infiltram dispõem, dessa forma, de um vasto campo à retaguarda da frente inimiga, onde podem cumprir missões, evitar sua localização e, mesmo, furtar-se ao cerco pelo adversário. Todos sabemos que a característica operacional dessas forças irregulares é a de aparecerem inesperadamente, e portanto de surpresa, e, conseguida esta, dispersarem-se e desaparecerem subitamente, para se concentrarem e desfecharem outro golpe, em outro lugar também não previsto. Isso se traduz na necessidade de disporem de espaço, para conseguir a ruptura do contato com o inimigo, fundamento de sua segurança própria, e também para que tenham a possibilidade de, posteriormente, provocarem novamente a surpresa.

Os terrenos montanhosos e, sobretudo, os terrenos cobertos de bosques, proporcionam consideráveis vantagens aos guerrilheiros. Os bosques constituem uma cortina protetora, ao abrigo da qual essas forças se movem sem que seus movimentos sejam percebidos pela aviação nem pelos reconhecimentos terrestres do inimigo. Nos bosques, a ação inimiga é tão dificultada quanto facilitados são os movimentos dos guerrilheiros, sua ruptura de contato com o inimigo e a criação da surpresa. No entanto, essas vantagens exigem que a zona boscosa seja suficientemente extensa para não poder ser bloqueada.

Finalmente, os países pouco povoados, com escassez de estradas, — o que impedirá os movimentos das forças motorizadas do inimigo na perseguição dos guerrilheiros, uma

vez evidenciados seus propósitos — são também regiões apropriadas a essa espécie de luta.

Como exemplo recente, que confirma as vantagens que acabamos de assinalar, podemos apresentar o caso da Rússia, país coberto de extensos bosques, de más comunicações e de espaços limitados. A possibilidade de atravessar as linhas inimigas com elementos diversos e a dificuldade, por parte dos alemães, para defenderem suas alongadas comunicações, foram os principais colaboradores dos guerrilheiros.

Exemplo contrário é o da França. Afirmou o general Niessel (1): "A grande quantidade de tropas alemãs, que invadiram o país, (ou seja, dizemos nós, o diminuto espaço que não permitiu obter uma descontinuidade da frente e, conseqüentemente, a infiltração); a dificuldade dos guerrilheiros, uma vez descobertos, para escaparem à perseguição de que eram alvo; a falta de esconderijos suficientes (montanhas e bosques) e a certeza de exporem a população civil a represálias impediram que os guerrilheiros se organizassem em grupos importantes".

Entretanto, em todos os casos, a organização e a orientação doutrinária, que haveriam de produzir as guerrilhas, foram dirigidas pelos comandos. Na Rússia, desde o Alto Comando e os Comandos de Exércitos havia, em todos os escalões, organizações encarregadas de cuidar desse assunto. Ouçamos o que disse a esse respeito o já referido general Niessel, no citado número desta revista: "Esse movimento de guerrilhas foi organizado e dirigido, conforme testemunham numerosos documentos alemães, que tratam da matéria". "Um tenente-general vermelho (2), das forças especiais de polícia, foi designado para realizar a ligação entre o Alto Comando e o partido comunista clandestino, organizado na zona ocupada do país". "O marechal Vorochilov di-

(1) Revista "Ejército", de junho de 1954 — N. 173.

(2) Correspondente ao posto brasileiro de General de Exército — Nota do tradutor.

rigia o Estado-Maior Geral e a organização dos guerrilheiros, em co-operação com o Serviço de Informações". "Adido a cada comando de Grupo de Exército havia um órgão encarregado de orientar as operações de guerrilhas. Em todos os Exércitos, o Estado-Maior fazia chegar suas instruções, por intermédio de uma seção de operações, aos grupos de guerrilheiros do setor correspondente à frente do Exército".

O CASO DA ESPANHA. CONDIÇÕES NATURAIS DA PENÍNSULA PARA O DESENVOLVIMENTO ATUAL DA GUERRA DE GUERRILHAS

Podemos encontrar em nossa Pátria, unida indissolúvelmente, como unidade geográfica, ao seu irmão Portugal, uma das condições favoráveis ao emprêgo da guerrilha. Sua condição peninsular lhe permite receber auxílio de nossos possíveis aliados, tanto para os Exércitos regulares como para os grupos que, pelas circunstâncias das operações, hajam ficado isolados daqueles Exércitos, no momento em que seja imposta a retirada e o abandono de parte do território ao invasor.

Isso significa que o isolamento das guerrilhas, com relação ao grosso das forças terrestres, não constituiria motivo para que elas cessassem a resistência, mesmo na hipótese de não haverem sido previstos depósitos para o seu suprimento (o que é inadmissível), desde que pudessem ser auxiliadas por via aérea e, sobretudo, marítima. A situação geográfica da península se mostra favorável ao recebimento de socorros do exterior, destinados à continuação da resistência e basta que relembremos, a esse respeito, o caso de nossa Guerra de Independência, com relação à Inglaterra.

Ao contrário, falta atualmente à península a condição de espaço praticamente ilimitado, que indicamos como a mais favorável à atuação dos guerrilheiros. Essa condição primordial existe, como já salientamos, na Rússia e, bem assim, em outras nações do Continente Asiático. Com efetivos menores que os empregados na Rússia pelos ale-

mães, nosso possível invasor poderia progredir na península com uma frente contínua e fortemente coesa, e poderia ainda desviar boa parte de seus efetivos para a defesa das retaguardas, ainda que a pacificação viesse a depender, sobretudo, do moral do país e das medidas prévias, que houvessem sido tomadas, desde antes da guerra, com referência à resistência nas zonas à retaguarda do inimigo.

Há um flagrante contraste, no que concerne a essa condição de espaço extenso, entre a situação atual da península e aquela de que desfrutávamos ao tempo de nossa Guerra de Independência. Esse contraste resulta, não tanto da superioridade de efetivos, como dos imensos progressos advindos nos campos do armamento, da motorização e das comunicações dos Exércitos e do melhoramento da rede de viação do território.

Por isso, se tivermos de oferecer resistência nas retaguardas do inimigo, mesmo que o invasor penetre, profundamente, no território nacional, será necessário organizar planos a fim de, em vez de aceitar rendições desonrosas, poder nossa defesa, pelo menos em grande parte, retrair-se para as regiões que, por suas condições naturais, sejam mais apropriadas para a continuação da resistência, tal como o recomenda, nesse particular, nosso Regulamento para o Emprêgo das Grandes Unidades (§§ 229 a 233). Isso significará substituir a luta nas frentes de batalha definidas pelo combate nas regiões onde o terreno favoreça a defesa, onde as Grandes Unidades, divididas em grupos táticos móveis e aliviadas do material pesado, possam viver dos recursos locais da região e dos suprimentos acumulados em depósitos ocultos, o que não exigirá linhas de comunicações contínuas e seguras, que as liguem à zona do interior do país. Neste caso, não importará, em última análise, qual o valor da penetração inimiga, pois a defesa será feita sob a forma de incursões sobre suas comunicações ou pela busca do isolamento e destruição de grupos inimigos. As colunas atuarão isoladamente, embo-

ra tenham sua ação coordenada pelo Comando do território onde operarem, tudo de acôrdo com um plano ditado pelas circunstâncias do momento. Disponão, entretanto, da autonomia compatível com a guerra de montanhas.

IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DE PEQUENOS GRUPOS, COMO MEIO PARA SUSTENTAR A GUERRA DE DEFESA DAS REGIÕES NATURALMENTE FORTES, QUANDO E' IMPOSSÍVEL DEFENDER FRENTE DE COMBATE CONTÍNUAS

Para pôr em prática a forma de defesa territorial exposta acima, nas regiões que a ela se prestam, é indispensável que se conte, nessas zonas, com destacamentos de guerrilheiros, que possam cobrir o território, distraindo e dispersando as forças do inimigo; que existam, disseminados na região, órgãos de busca de informes que, rápida e oportunamente, possam fornecer dados sôbre a situação do inimigo, em proveito das forças amigas; e, finalmente, que o suprimento, tanto das forças e colunas regulares, como dos guerrilheiros, continui assegurado, não só em meios de combate, como em meios de subsistência.

"Para que as unidades de maior vulto, na Iugoslávia, — disse o general iugoslavo Kvader (3) — pudessem sobreviver e combater, foi indispensável coordenar suas operações com as dos pequenos destacamentos de guerrilheiros locais, também regulares, e com as dos grupos de sabotagem, através de todo o país, ao longo das vias de comunicações e nas localidades". Subtraímos as palavras "pequenos... também regulares", etc., que provam a subordinação dos guerrilheiros aos Comandos do território e dos setôres em que êste estiver dividido e, de maneira geral, se observará, em todo o parágrafo citado, a grande influência que a ação das *guerrilhas locais* exerce na segurança e no êxito das operações das unidades regulares maiores, quer estas sejam recrutadas e organizadas, no

país, durante o conflito, quer sejam os restos de um exército refugiado no mesmo. Aqui, na verdade, devemos levar em conta que as forças regulares a que se refere o general iugoslavo não eram os remanescentes de um exército derrotado, mas sim organizadas no país, à sombra e à base dos grupos de guerrilheiros, exatamente como ocorreu com os improvisados exércitos carlistas, em nossas guerras civis.

OS REDUTOS NATURAIS DA RESISTÊNCIA PENINSULAR E A DIVISÃO DAS GUERRILHAS

Se o invasor conseguir derrotar o Exército regular e êste não puder travar nova batalha em uma frente defensiva, para se preservar os restos dêsse Exército e defender o território pátrio, ter-se-á que procurar regiões que, por suas condições naturais, possam servir de regiões de acolhimento e de reação ofensiva, mediante a concentração, em seu interior, de meios suficientes. Êstes meios, que proviriam, principalmente, de ajuda exterior, se dirigiriam para o nosso litoral, onde desembarcariam mais facilmente, se encontrassem apoio na resistência, e, constituindo uma frente progressivamente mais ampla, pudessem, no momento oportuno, iniciar a contra-ofensiva para a libertação do território.

Além disso, essas zonas periféricas se caracterizam pelo fato de serem protegidas por extensas barreiras montanhosas, que serviram de baluartes em nossa Guerra de Independência e nas lutas civis. Na vertente atlântica, temos a região Basco-Navarra e as Astúrias, as montanhas de Leão e Zamora e Portugal; na vertente mediterrânea, a Catalunha e a região que, desde o Baixo curso do Ebro, se prolonga através das serranias de Maestrazgo, Teruel e Cuenca. Em Portugal, desembarcou e teve sua base de operações o Exército inglês. Quanto à zona oriental, recordemos, para aquilatar seu valor, nossas guerras civis e o fato de que, para ocupá-la, durante a Guerra de Independência, os franceses levaram mais de três anos.

(3) Military Review — Julho de 1954.

Portanto, atrás de nossas barreiras pirenaica e subpirenaica, que abrangem duas regiões periféricas ideais para uma resistência, a região Basco-Navarra e a região da Catalunha permitirão, também, a organização da resistência ao abrigo dos outros redutos mencionados: o Noroeste da Península e a região oriental.

Tratar-se-á, aí, principalmente, de oferecer uma resistência frontal, desde que se disponha de meios. Entretanto, é mais provável que, de início, se devam empregar os poucos meios disponíveis na criação de dificuldades à penetração inimiga nesses territórios, pelo emprego de ações retardadoras, até que seja atingida, a seu devido tempo, uma linha previamente fixada pelo Comando. Para essa ação retardadora, será de grande utilidade a colaboração dos grupos locais de guerrilheiros: mantendo o contato e fustigando constantemente o inimigo; realizando incursões sobre suas retaguardas, sabotando suas comunicações e realizando golpes-de-mão em proveito de contra-ataques de forças regulares de maior envergadura etc.

Se, para essas zonas, naturalmente apropriadas, se retraírem forças que, de acordo com providências tomadas de antemão, se possam suprir dos recursos locais, poder-se-á desencadear uma luta de colunas ligeiras de montanha, na qual não aparecerem frentes definitivas, mas onde se empregue a forma de manobras na *terra de ninguém*. Nessa ocasião, igualmente, serão de grande utilidade os préstimos dos guerrilheiros locais, que cobrirão o território, literalmente, com suas atividades, seja mantendo o contato e informando sobre o inimigo, seja contribuindo, diretamente, para a segurança das colunas amigas, destacamentos retardadores etc., mediante a execução de ações ofensivas sobre pontos sensíveis do dispositivo inimigo, sobre suas vias de comunicações ou contra pequenos agrupamentos de forças, com o que distrairão numerosas forças adversas.

Finalmente, se se conseguir obter os meios necessários ao estabeleci-

mento de uma frente estabilizada ou para desencadear a contra-ofensiva, o auxílio dos grupos locais será, também, muito útil, pois poderão agir sobre as retaguardas inimigas como grupos de ação independente, desempenhando missões semelhantes às das unidades de caçadores alpinos.

Em resumo, qualquer que seja a situação, as operações desses grupos, quando realizadas de conformidade com diretivas gerais dos Comandos interessados, têm sempre cabimento e oportunidade de emprego eficaz.

PROVIDÊNCIAS TENDO EM VISTA A GUERRA DE GUERRILHAS

A preparação dessa espécie de guerra deve ser iniciada desde o tempo de paz. Na Rússia e outros países, as guerrilhas custaram a alcançar seu pleno desenvolvimento e, para atingi-lo, tiveram que contar com a fraqueza do inimigo, obrigado a lutar em várias frentes. A Rússia, além das condições favoráveis ao desencadeamento dessa forma de combate, teve, como fator positivo importante, a seu favor, o partido comunista que, clandestinamente, por seus agentes, pôde iniciar o recrutamento de guerrilheiros entre a população civil, que não fora posta em campos de concentração, em tempo útil, pelos alemães. É o caso de se pensar, consequentemente, desde o tempo de paz, desde que seja possível e viável, em estudar as regiões mais apropriadas da Península para esse tipo de combate, analisando os seguintes aspectos:

— *Sua organização*, abrangendo as zonas do território nacional escolhidas com esse objetivo e as tropas destinadas a operarem aí;

a instrução, que compreende tanto a instrução individual especial, que é de se exigir para os quadros e a tropa dessas forças, como exercícios práticos, no terreno, em missões tão aproximadas quanto possível das de guerra.

— Por último, os meios de que devem ser dotadas essas tropas, tanto no que diz respeito ao armamento e ao equipamento, como os atinentes à busca de informes, à obser-

vação e à manutenção dos grupos de guerrilheiros.

Organização: — Os grupos de guerrilheiros, que devam operar em uma guerra previsível, terão por finalidade contribuir para a defesa do território de onde são naturais e, desde o tempo de paz, devem possuir uma organização que lhes permita:

1º) o recrutamento e a mobilização na própria região onde devam operar;

2º) o exercício dos comandos territoriais pelos mesmos chefes que deverão comandar as tropas em caso de guerra, já que estas não terão de abandonar seu território.

A divisão do território nacional, para esta organização, deve basear-se na escolha das zonas onde essas forças pareçam oferecer as melhores condições de emprego.

Depois das regiões fronteiriças com a França, às quais se terá que dar uma atenção particular, vêm as duas zonas contíguas ao litoral, às quais já nos referimos, anteriormente. Consideramos essenciais, para os fins da defesa do território, cuidar desses redutos periféricos, não obstante admitirmos que, no interior da península, existem outros, onde também é possível se organizar essa guerra de guerrilhas.

Como as zonas periféricas montanhosas, que descem para nossas costas do Mediterrâneo e do Atlântico, não coincidem, precisamente, com a divisão política em Capitânias Gerais, e suas superfícies abrangem áreas pertencentes a várias circunscrições da divisão territorial, para a finalidade que estamos examinando, sua delimitação deve ser independente dos limites provinciais.

O comando desses guerrilheiros deve ser exercido por um Inspetor Geral; cada região montanhosa deve ser controlada por um Comandante e deve ser dividida em setores, de acordo com a configuração do terreno e a provável dependência, das forças que os guarneçam, de um mesmo Comando, em caso de operações. Os setores serão subdivididos em zonas, cada qual compreendendo os acantonamentos e

centros de uma unidade básica de instrução e mobilização local. Essas divisões devem ser feitas em consonância com a extensão e importância militar do território, consideradas, também, as comunicações que possam servir de linhas de penetração do inimigo. Tais são os fundamentos que devem servir de base para uma organização territorial de paz, organização esta subordinada à provável atuação em tempo de guerra.

Para bem fixarmos as idéias, que acabamos de expor, consideremos, por exemplo, a região montanhosa do noroeste da península, compreendida, aproximadamente, entre os limites das províncias de Santander e Astúrias, os rios Esla e Duero e o mar. É uma região de excelentes condições defensivas naturais, que supomos ser necessário disputar ao inimigo.

Nessa região, com forças desembarcadas, e outras de mobilização recente ou remanescentes das anteriormente engajadas, podem ser organizadas tropas regulares que, de início, tratem de se instalar na periferia da zona, a fim de defenderem as passagens da Cordilheira Cantábrica e das Montanhas de Leão, cobrindo, respectivamente, os acessos das Astúrias e da Galícia, tendo os flancos apoiados nas alturas de Europa e no Mar Cantábrico e, ao sul, na zona quase intransponível do curso fronteiriço e inferior do rio Duero, em ligação com o Exército português.

Suponhamos que existam grupos locais de guerrilheiros, destinados à manutenção de um contato constante com o inimigo, a partir do momento em que este atravessar o limite da faixa montanhosa e a hostilizá-lo ou a realizar quaisquer outras missões ofensivas, de que os encarregue o Comando, seja independentemente, seja em colaboração com as forças regulares, em proveito da cobertura.

Neste caso, os grupos locais operarão, exclusivamente, dentro do setor a que pertenciam, uma vez que as forças a cobrir terão direções de retraimento divergentes, na direção das Astúrias e da Galícia, respectivamente, e dependerão dos

Comandos de Corpos ou Destacamentos de Exército, que devam defender os acessos a essas duas Comarcas, respectivamente, participando da missão geral de cobertura na forma que lhes fôr prescrita.

O grosso das forças regulares mais importantes tratará de reconstituir uma frente à retaguarda, com as tropas de reforço, que forem organizadas ou forem desembarcando. Mas, se esses reforços não chegarem dentro dos limites de tempo desejado e as tropas disponíveis não estiverem em condições de defender uma nova frente, chegará um momento em que os remanescentes das tropas regulares, divididos em colunas aliviadas do material, se encaminharão, através de terrenos de pouca permeabilidade e sob a proteção dos grupos de guerrilheiros, iludindo a perseguição inimiga, para zonas que lhe houverem sido designadas, para daí irradiarem suas operações.

Chegado êste momento, terão sido delimitadas as jurisdições dos Comandantes Gerais de Setôres e Chefes de zonas, aos últimos dos quais ficarão subordinados os grupos de guerrilheiros locais, a fim de que sejam coordenados e dirigidos, em tudo que seja atinente a necessidades, situação das forças e serviços clandestinos de informações e suprimentos. Essas mesmas previsões terão que ser levadas em consideração, no caso em que nenhuma força se haja retraído para essas regiões e que a resistência, aí, deva contar, unicamente, com os meios próprios, para que se possa realizar uma reorganização progressiva, sob a proteção dos grupos de guerrilheiros e dos auxílios externos. A partir dêsse momento, a guerra em frentes contínuas será substituída por outra, de defesa do território.

Pelo exposto, logo se compreende quanto é importante, quando sobrevier o difícil momento da transição de uma espécie de guerra para a outra, ter o teatro de operações equipado de maneira que o inimigo, ao tentar subjugar seus defensores, qualquer que seja sua procedência, seja sempre hostilizado, burlado em sua busca de informa-

ções, sabotado em suas comunicações, dizimado em seus destacamentos de segurança, seja obrigado a distrair tropas para missões de proteção etc. Todas essas missões podem ser desempenhadas pelos grupos locais, permitindo que as forças mais importantes, as unidades de organização recente, iludam a perseguição inimiga de dia e de noite, infiltrando-se entre as unidades inimigas e obrigando-as a combater isoladamente, sempre que isso convenha aos guerrilheiros. Enquanto isso, vai-se ganhando tempo para a organização de novas unidades.

Eslarecida a organização territorial, tratemos, agora, da dos grupos que o vão guarnecer. Como as operações dêsses grupos serão feitas, sempre, com efetivos reduzidos, variando entre pelotão e companhia, é indispensável que os Comandantes de unidades, mesmo as mais elementares, sejam dotados de alto grau de iniciativa e tenham perfeito conhecimento do terreno.

O pessoal pertencente a essas forças, quadros e tropa, deve ser muito bem selecionado. Nesse tipo de tropa, exige-se, além de grande iniciativa, energia e grande resistência física, para que se possa marchar através de terrenos quase intransitáveis, à noite, iludindo a vigilância inimiga. A Escola Central de Educação Física e a Militar de Montanha parecem ser os centros mais indicados para fazerem a seleção dos oficiais e suboficiais.

Quanto à tropa, deve ser escolhida pela robustez física, entre os montanheses de cada setor, não havendo nisso grande dificuldade, dada a reduzida percentagem de recrutas exigida por tais unidades, nas quais a qualidade deve primar sobre a quantidade. Na verdade, o rendimento de um número reduzido de companhias de pessoal selecionado, convenientemente distribuídas, será maior que o de vários batalhões precariamente organizados e instruídos que, por seu próprio volume, haveriam de ser mal empregados.

Antes de exercerem o comando dessas pequenas unidades, os quadros de oficiais e suboficiais deverão receber treinamento em exer-

cícios práticos, dentro de uma zona determinada.

Instrução : — O adestramento físico dos comandos, mesmo os mais modestos, e o conhecimento perfeito do terreno correspondente à zona que guarnecem, devem ser os dois pilares em que se baseará a instrução destas forças.

A instrução deve ser orientada para a realização de exercícios práticos de preparação e outros de aplicação, tendo em vista o emprêgo dessas unidades em caso de guerra.

Os exercícios de preparação compreenderão :

— Exercícios físicos, entre os quais serão incluídos marchas forçadas através campo ou em terrenos difíceis e exercícios de alpinismo ;

— exercícios de transposição de obstáculos naturais (escalada de elevações abruptas e transposição de brechas e cursos d'água) e artificiais (rêdes de arame e campos de minas) ;

— exercícios de tiro individual de precisão e de lançamento, particularmente de granadas ;

— exercícios de manuseio e emprêgo de explosivos na realização de destruições ;

— exercícios de orientação, com a realização de trabalhos práticos de dispersão e reunião de patrulhas, em um momento determinado, em locais previamente designados no terreno.

Os *exercícios de combate* consistirão na execução de missões próprias de patrulhas e de grupos de guerrilheiros, em caso de guerra. Nestes exercícios, o comandante do grupo executante deverá ter particular cuidado em :

— velar pela segurança do grupo, sabendo que, desde o momento da partida, e até que regresse, com a missão cumprida, se movimentará entre forças do partido contrário, pelas quais pode ser surpreendido, se perder a ligação com os órgãos de informação, dos quais nos ocuparemos ao estudarmos os meios dessas forças ;

— assegurar a alimentação e o descanso do grupo, durante o tem-

po em que estiver ausente do acampamento ;

— que sua missão seja cumprida e o grupo regresse ao lugar que fôr designado, sempre a salvo da vigilância inimiga.

Em tais exercícios, o objetivo ou finalidade dos mesmos será verificar se os grupos, em parte ou em sua totalidade, podem desempenhar suas missões, obtendo a surpresa, e se podem regressar à zona escolhida, seja esta a de partida ou outra, que lhe seja designada, em fim de missão, além de informarem sobre a operação, tudo isso sem serem descobertos.

Também devem ser realizados exercícios de combate pelas companhias completas, em missões ofensivas, principalmente sob a forma de golpes-de-mão, ou defensivas, tendo em vista missões de segurança em terrenos difíceis, como, por exemplo, flanqueamentos e contra-ataques nas ações retardadoras, sempre com a manutenção constante do contato e informação ao comando sobre o inimigo.

Os exercícios serão executados com o aproveitamento da noite como o meio mais seguro de se escapar à vigilância do inimigo e depois que se hajam procedido, durante o dia, aos reconhecimentos necessários.

Dada a complexidade de sua instrução e as dificuldades de execução de suas missões, estas forças locais de montanha que, mobilizadas, constituirão os futuros grupos de guerrilheiros, devem ser constituídas da elite dos oficiais, suboficiais e praças do Exército. É necessário, portanto, conceder-lhes, a título de estímulo, o máximo de honras e de vantagens.

Meios — Armamento : — É compreensível, uma vez expostas as missões que deverão ser cumpridas por tais forças, que seu armamento e equipamento devem ser o mais leve possível, não sendo necessário armamento pesado. Este será individual.

A granada de mão e uma arma de pequeno alcance, pouco peso e suficiente velocidade de fogo são as mais adequadas para o pequeno tempo em que se realizam as ações

dessas forças. Quando a missão o exigir, será adicionada uma dotação de explosivos e de meios para a transposição de obstáculos. Estes serão os meios suficientes para os grupos do valor de pelotões, a fim de que possam realizar suas incursões.

Quanto às companhias que operarem em conjunto, pode-se confiar-lhes missões que exijam combate e, ainda que este combate seja imposto, freqüentemente, pela condição de surpresa noturna e o êxito repouse, principalmente no emprêgo da granada de mão e da arma branca, com a finalidade de rechassar possíveis contra-ataques imediatos, poder-se-á passar à disposição dessas companhias alguns elementos de fuzis-metralhadora ou de armas leves, pertencentes a outras unidades.

Informação: — A informação, por sua vez, tem sido, sempre, a chave do sucesso da guerra de guerrilhas, e, em tôdas as épocas, tem sido proporcionada aos guerrilheiros pela colaboração entusiástica do povo. Em nossas Guerras Cívicas e da Independência, essa colaboração foi tão intensa, que os guerrilheiros não necessitaram, sequer, organizar um sistema de segurança. Na última campanha da Rússia, os alemães não previram a concentração da população civil em acampamentos bem guardados. Como consequência, essa população, inclusive mulheres e velhos, serviu aos russos como seguro informante, com notável prejuízo para os alemães.

Quando o invasor concentra a população civil, o mesmo não ocorre. Mas, é muito possível que, ao ser aprofundada a invisão, não se possa evacuar a maior parte do povo, já que isso criaria problemas de alimentação difíceis de resolver. O que se deve procurar, a todo transe, é evacuar os homens válidos para a luta e deixar outros, selecionados, em lugares ocultos, para que prestem informações. Instalados em locais, que deverão variar constantemente, e dotados de emissores clandestinos, eles transmitirão seus informes a postos coletores correspondentes a diversos postos da zona e subordinados, diretamente, ao co-

mando desta. Esses postos coletores serão conhecidos, de antemão, pelos grupos e unidades, de modo que estas poderão ser informadas, a todo momento, da situação do inimigo, naquilo que seja útil à sua segurança e ao sucesso de sua missão.

Este é um serviço — o de informações — que, na falta da população local, por nenhum outro elemento poderá ser tão bem feito como no próprio seio da organização das forças guerrilheiras locais, dentro das zonas onde atuam, normalmente.

A missão mais importante dos grupos de guerrilheiros, em geral, é a de procurar e manter o contato com as colunas inimigas, em tôda a frente e profundidade da zona, a fim de informarem o comando e as unidades amigas e, ao mesmo tempo, criarem o maior número de embaraços ao movimento e à vida das primeiras.

Não é suficiente obter boas informações, mas também evitar que o inimigo se informe, para desorganizar-lhe os planos de perseguição às colunas amigas e para enfraquecer seus órgãos de segurança, comunicações, ligação e suprimentos.

O disfarce — Nas zonas montanhosas, é fácil aos grupos de guerrilheiros, inclusive de dia, se furtarem à observação aérea e terrestre das unidades inimigas. O mesmo ocorre nas regiões de bosques e colinas cobertas de mato ou de plantações. Finalmente, a dispersão por pequenos grupos, ou mesmo indivíduos isolados, que se ocultem na sombra das penedias ou terrenos rochosos, também torna ineficiente a observação aérea.

Não acontece a mesma coisa com as colunas. Estas não têm outra solução, para escaparem à observação, que a de fazerem as marchas à noite. Devem procurar, com antecedência, uma zona de repouso para o dia, coberta de bosques ou matas, de preferência às povoações. Também terão que ocultar o gado, para o qual o mato rasteiro é insuficiente, e se manterem em absoluta imobilidade, à vista dos aviões.

Além disso, as marchas noturnas apresentam ainda a vantagem de permitirem iludir, facilmente, a per-

seguição, de vez que o inimigo encontra maior dificuldade para voltar a restabelecer o contato perdido.

Entretanto, freqüentemente, sobretudo no início da invasão do território nacional, as unidades ficarão sujeitas a uma perseguição ativa, que as obrigará a realizarem etapas diárias de marcha de grande percurso, para as quais o tempo de escuridão não será suficiente. Quando essa hipótese se realiza, não há outra solução, mesmo momentânea, senão a de fracionar as colunas em pequenas unidades, do valor de companhias no máximo, as quais, marchando por itinerários diferentes se irão concentrar, em determinado momento, em regiões afastadas e naturalmente mais protegidas do terreno; evidentemente, deve-se admitir que esse processo terá lugar sob a proteção de grupos amigos de manutenção do contato.

Essa é uma das razões pelas quais as colunas, no princípio da invasão, devem ser de efetivos reduzidos, solução que deve ser mantida até que os meios amigos e inimigos se fôrem equilibrando, tanto no ar como em terra. E é, precisamente, neste primeiro período das operações de defesa do território, que os grupos de guerrilheiros constituem os núcleos de manutenção da resistência, à sombra dos quais se organizam e se sustentam as primeiras forças regulares recrutadas no país ou vindas de outras regiões. É um período difícil, pela falta de experiência e de meios dessas forças regulares, novas as recrutadas no país, e carentes de tirocinio de guerra de montanha as vindas de fora.

Suprimentos: — Diz o nosso antigo Regulamento de Grandes Unidades (n. 232) "que ao praticar a guerra irregular, a Grande Unidade deve se fracionar e perder a condição de Unidade, limitando-se o comando a coordenar a ação das diversas colunas e a fixar a localização de centros de suprimentos, em pontos inacessíveis às forças inimigas, bem como a escolher locais incógnitos, onde esconderá a artilharia pesada, imprópria para esse tipo de combate". Em outro parágrafo do mesmo artigo, assinala

que, nesta hipótese (passagem à guerra irregular), "se imporá o fracionamento da Grande Unidade em pequenas colunas, que possam emprender a guerra irregular e se disseminar, para viver dos recursos locais da região".

O suprimento das pequenas colunas, a que se refere o Regulamento, bem como o dos grupos de guerrilheiros, abrangem os víveres e as munições. Julgo conveniente assinalar, com referência às munições, que, tratando-se de forças que, em chegado um momento crítico, queiram manter-se por meio da manobra em terrenos difíceis, terão que prescindir da artilharia pesada e, quiçá, da totalidade de sua artilharia, conservando, no máximo, a de dorso. Uma vez que as unidades são divididas em pequenas colunas, as munições a serem conservadas em depósitos se resumem, quase exclusivamente, às de infantaria.

Convirá que os pontos de remuniciamento sejam numerosos e distribuídos por todo o território, sem deixarem de satisfazer a condição de estar em locais ocultos. Os centros de remuniciamento mais importantes não de ser, forçosamente, mais fáceis de ser descobertos, em virtude da maior atividade na entrega das munições, ainda que esta seja feita com as maiores precauções e à noite, de preferência. Além disso, se um desses centros é descoberto e cai em poder do inimigo, isso representará perda maior que a de um centro de menor importância. Neste, como em muitos outros setores, se impõe a disseminação, além do disfarce.

O mesmo deve ser dito com respeito aos depósitos de víveres e farinha de trigo, onde se processe a fabricação de pão etc. O Regulamento admite que as forças possam viver dos recursos da região. Certamente, forças que começam a se organizar na própria região, ou que são remanescentes de outras, que já combateram, não podem, de nenhuma maneira, ser muito numerosas em pessoal e, mais ainda, em gado de corte, de modo que o extenso território que lhes caberá defender terá recursos de sobra, para atender à sua subsistência. Mas,

não devemos esquecer que, nas zonas onde o invasor consiga tomar pé, este procurará colocar a população em campos de concentração e se apoderar dos rebanhos e recursos existentes. Neste caso, a população civil será a primeira a reagir, ocultando os rebanhos e celeiros em lugares pouco acessíveis.

A esse respeito, em nossa guerra de libertação, vimos casos verdadeiramente inconcebíveis, que provam até onde pode ir a paciência e a tenacidade do camponês, para conservar aquilo que é sua fonte de subsistência. Recordemos que, durante a libertação da Província de Santander, que foi feita em poucos dias, os caminhos se encheram de gado vacum, conduzido às aldeias pelos camponeses e vindo das regiões matosas, onde havia estado oculto, durante vários meses.

E, em outro setor, já que aqui não se trata de camponeses, recordemos o caso, passado depois que nossas forças entraram em Tolosa, poucas semanas após o início da guerra, em que um motorista de taxi de São Sebastião levou seu automóvel, para evitar que os vermelhos dêe se apoderassem, arrastado por bois e correntes, até uma casinhola situada no alto de um morro, cuja escada, feita por homem robusto, consumia pelo menos duas horas de esforços.

Isso nos faz pensar que o problema da manutenção da população rural das zonas onde se tiver que concentrar a resistência, não será de difícil solução, desde que se tenha o cuidado de não retrair, para aí, a população de outras regiões, já ocupadas pelo invasor. Mais difícil será resolvê-lo nas localidades importantes. Ora, muito bem. É precisamente essa população rural, a mantenedora da resistência, a que poderá propiciar pessoal competente, improvisado, voluntariamente, para o reforço dos grupos de guerrilheiros e unidades, e, sobretudo, para missões de informação e espionagem. E, a não confiar, inteiramente, na improvisação e no esforço e interesse dos camponeses, devemos, pelo menos, alertá-los, em tempo útil, do momento em que devem começar a pôr a salvo seus per-

tences. Também devemos avisá-los, com antecedência, para que prevejam os locais mais adequados que, em cada distrito municipal, lhes possam servir para guardar esses pertences. Também aqui, sendo possível, convém aplicar a disseminação.

Em qualquer caso, teremos que dispor de numerosos depósitos, para uso das tropas que devam defender uma região, ou que aí se devam organizar, pois o suprimento diário exigirá que as unidades disponham desses depósitos muito à mão.

O inimigo, muito possivelmente, conseguirá reunir a população não evacuada (mulheres, velhos e crianças), por não ser apta ao combate, em campos de concentração e, inclusive, poderá exercer represálias contra ela, o que, como está provado, produz resultados contraproducentes nos povos viris, não conseguindo mais que aumentar o ódio ao invasor.

Como se pode observar, partimos da hipótese de que os defensores não dispõem de auxílio ou suprimentos do exterior, a fim de encarmos a pior situação e concluir que tudo tem solução satisfatória, ainda que difícil, desde que haja verdadeiro moral e espírito de independência.

CONCLUSÕES FINAIS

Eis aí as principais :

1ª) *A guerra irregular é, atualmente, mais difícil e mais complexa em sua condução.* Isso acontece com a guerra em geral, e não somente com a guerra irregular, porém de modo mais acentuado com esta última, pois, enquanto que, antigamente, se pôdia contar com um aliado que tudo dava espontaneamente — a população não combatente, que permanecia no país e fornecia informações e recursos — já agora não se pode contar com êle — o inimigo dispõe de meios para impedir sua ação — e, portanto, temos que procurar um paliativo, que não chegará a substituí-lo, integralmente.

Enquanto antes os guerrilheiros, em sua integração progressiva, conseguiam organizar-se em pouco tempo como forças regulares capazes de

combater, dado o armamento de que eram dotados e em vista da simplicidade e pequeno custo do material, atualmente, para se chegar a êsse resultado, teremos que dispor do auxílio, às mãos cheias, de países aliados interessados na derrota do poderoso rival inimigo e, portanto, enquanto isso não ocorrer, os sucessos táticos terão que ser muito mais reduzidos.

Por outro lado, se, no passado, as colunas amigas podiam mover-se com toda a liberdade, tanto de dia como à noite, agora, sem uma superioridade aérea — que não existirá — as colunas terão menos liberdade de ação para manobrar e, conseqüentemente, ter-se-á que reduzir mais seus efetivos e seu poderio tático.

2ª) *Devemos estudar, judiciosamente, qual o tipo de organização prévia que devemos adotar, desde o tempo de paz, pois a guerra irregular, quando não prevista e organizada, corre o risco de fracassar, ao se tentar sua improvisação no momento crítico.* Sômente um acontecimento imprevisto, a nosso favor, poderá criar condições para o aparecimento e incremento desse tipo de luta, depois da derrota. Isso poderá acontecer porque o inimigo tenha de desviar suas forças para atender a outras frentes (caso da Alemanha, na Segunda Guerra Mundial, contra a Rússia e a Iugoslávia) ou porque nos tenham chegado, de fontes externas, novos reforços.

3ª) *A guerra irregular, devidamente preparada.* — Em tôdas as regiões favoráveis e empreendida sem temor e com espírito de sacrifício, *pode prosseguir*, inclusive no pior dos casos — o de ver-se o país isolado e privado de auxílios — desde que continuem a existir os recursos que, com essa finalidade, hajam sido reservados no país. *Proporcio-*

nará, portanto, um crédito de tempo a outro país aliado, para que se apreste e corra em auxílio daquele que haja sido ameaçado.

4ª) *A guerra irregular, adequadamente preparada, eleva o moral e o espírito combativo do Exército regular, em caso de conflito armado.* Na verdade, se conseguirmos formar o espírito de nosso Exército de acôrdo com a idéia de que terá que combater, não sômente nas frentes de batalha, mas também na defesa, palmo a palmo, do território nacional, teremos aumentado seu espírito de sacrifício e suas possibilidades de vitória.

De tropas irregulares pode surgir um Exército, mas de um Exército desmoralizado pela derrota não se pode esperar mais que a rendição incondicional ou as deserções em massa. Sirvam de exemplo, a êsse respeito, nossas guerras civis, no que concerne aos Exércitos Carlistas, que passaram por tal processo evolutivo. Portanto, se queremos evitar a desmoralização, e que o Exército continui resistindo com honra, até haver queimado o último cartucho e esgotado todos os meios de vida, devemos mostrar-lhe, desde o tempo de paz, a possibilidade de, mesmo vencido e impossibilitado de manter-se em campo aberto, ou ainda quando privado de elementos de combate, puder, de outra forma e em determinadas regiões, encontrar meios que lhe permitam continuar a luta.

5ª) *A alma desta preparação terá que ser constituída pelas forças locais, destinadas, principalmente, à proteção das outras, que venham a operar na região.* O espírito de que serão animadas, desde o tempo de paz, será o reflexo do existente entre os moradores locais, no que se refere à defesa do que lhes pertence.

JOALHERIA HERMAN

Anéis Militares com tôdas as Armas — Jóias, Relógios e Bijuterias

CONSERTAM-SE JÓIAS E RELÓGIOS

Sz. H. Klajmic

RUA DR. GARNIER, 390 "RIEX" — TEL.: 48.8502 — LOJA CENTRAL